

Mulheres na USP: as primeiras professoras de Geografia formadas na FFCL entre 1934 e 1960

Women in USP: the first geography teaches graduated at FFCL between 1934 and 1960

MÁRCIA CRISTINA DE OLIVEIRA MELLO^A
GEYCE IRIS GOERING MAIA^B

^a Docente do curso de Geografia da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Ourinhos.
E-mail: marcia.mello@unesp.br

^b Licenciada em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Ourinhos.
E-mail: geycegoering@hotmail.com

Neste artigo apresentamos resultados da pesquisa que visou a identificar quem foram os primeiros professores de Geografia a atuarem na escola paulista, entre 1930 e 1960. Trata-se de uma pesquisa de fundo histórico, documental e bibliográfica desenvolvida por meio de procedimentos de identificação, reunião, organização e análise de fontes documentais referentes aos aspectos do primeiro curso de formação de professores secundários de Geografia, oferecido na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP) e em seu Instituto de Educação. Busca-se refletir em que medida esses sujeitos contribuíram para a constituição de uma história da formação docente em Geografia no Brasil. Destaca-se a figura da mulher professora e as contribuições de Maria Conceição Vicente de Carvalho, formada em 1938, e *Amélia Americano* Domingues de Castro, em 1940. As mulheres totalizaram 68% do número de formados da época. A formação docente em Geografia presente na FFCL da USP, e em seu Instituto de Educação, apresenta características das teorias pedagógicas e da formação específica do geógrafo, favorecendo uma análise da transmissão de saberes e de metodologias necessárias à prática docente da época.

Palavras-chave: ensino de geografia, formação de professores de geografia, didática da geografia, mulheres geógrafas, escola nova.

In our article, we show partial results of a research that aims at identifying the first teachers of Geography to work in the school of São Paulo, between the 1930s and 1960s. It is a historical, documentary and bibliographic background research developed by identification, meeting, organization and analysis of documentary sources referring to aspects of the first training course of secondary teachers of Geography, offered at the Faculty of Philosophy, Sciences and Letters (FFCL) of the Universidade de São Paulo (USP) and its Institute of Education. We will try to reflect to what extent these subjects contributed to the constitution of a history of teacher education in Geography in Brazil. The figure of the female teacher and the contributions of Maria Conceição Vicente de Carvalho, graduated in 1938 and *Amélia Americano Franco* de Castro, in 1940, stood out. They totaled 68% of the number of trainees. The teacher training in Geography present at the FFCL of USP and in its Institute of Education brings characteristics of the pedagogical theories and the specific training of the geographer, favoring an analysis of the transmission of knowledge and methodologies necessary to the teaching practice of that time.

Keywords: geography teaching, training of geography teachers, geography teaching, geographer women, new school.

INTRODUÇÃO

No sentido de compreender aspectos da história da formação de professores de Geografia no Brasil, foi desenvolvido o projeto regular “Orientações metodológicas destinadas aos professores de Geografia para o ensino secundário da escola paulista (1934-1960)”, junto à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). A pesquisa aqui apresentada está articulada ao referido projeto, e teve andamento de 2017 a 2018, enquanto atividade desenvolvida em nível de Iniciação Científica (IC), junto a Pró-reitoria de Pesquisa da Unesp.

Em 1934, foi fundada a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL da USP). O curso de Geografia foi inicialmente ofertado junto com o de História, e era dividido em duas modalidades: a primeira destinada à formação de bacharel, enquanto a segunda, à formação do professor (licenciatura). Este primeiro modelo de formação docente em nível superior em nosso país ficou conhecido como “três mais um”, no qual os três primeiros anos eram destinados a formação específica e a partir do terceiro ano o aluno poderia matricular-se no Curso de Formação pedagógica do professor secundário, do Instituto de Educação da USP.

Em 1946 foi criado o departamento de Geografia com o intuito de resolver problemas em comum e coordenar com particularidade o ensino e a pesquisa na área. (AZEVEDO; SILVEIRA, 1949). Naquele período construiu-se um sistema nacional público de ensino, com várias mudanças para atender a nova sociedade, advinda de um contexto de desenvolvimento industrial e que pretendia reformar as políticas educacionais.

Em nossa investigação identificamos importantes nomes de geógrafos formados e diplomados entre os anos de 1934 e 1963, na USP, que trouxeram suas contribuições para o ensino de Geografia; dentre eles estão Maria da Conceição Vicente de Carvalho, Aroldo de Azevedo e Amélia Americano Domingues de Castro.

Na sequência da criação deste primeiro curso, surgiram outros, em demais locais do país; a saber: Universidade do Distrito Federal, 1935 (incorporada à Universidade de Brasília, em 1939); Universidade Estadual do Paraná, em 1938; Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, em 1940; Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em 1941; Universidade Federal de Minas Gerais, em 1941; Universidade do Estado do Rio de Janeiro, em 1941; Universidade Federal da Bahia, em 1941; Pontifícia

Universidade Católica de Campinas, em 1942; e Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em 1943.

Considerando a distribuição espacial dos cursos e seus indubitavelmente diferentes projetos de formação, o processo inicial de formação universitária do professor de Geografia para lecionar ao ensino secundário, não foi um fenômeno homogêneo: houve rupturas e permanências em relação às mudanças nas políticas educacionais que antecederam e sucederam o período em análise.

Assim, delimitamos como objetivos de pesquisa investigar quem foram os primeiros professores de Geografia para o ensino secundário formados a partir de 1930, na FFCL da USP; e, organizar os dados coletados sobre a temática para auxiliar pesquisas futuras.

METODOLOGIA

A investigação consistiu em pesquisa bibliográfica e documental. O estudo documental se deu por meio da identificação, da localização e da recuperação de fontes primárias e secundárias obtidas principalmente nos acervos da FFCL da USP e nos acervos da UNESP, incluindo os periódicos da época e outras fontes documentais, como relatórios da universidade.

Foram consideradas também as bases de dados eletrônicas Dedalus (USP), Nou-Rau (UNICAMP) e Athena (UNESP)¹

Após localizar dos dados sobre os nomes dos alunos, suas produções e atuações profissionais, os títulos selecionados foram organizados em forma de tabelas e/ou quadros que auxiliarão na análise da constituição da história da formação de professores de Geografia no Brasil. Os dados completos encontram-se em Mello (2019).

RESULTADOS

Educação nos anos de 1930

Como é sabido, a partir dos anos 1930 o Brasil foi submetido a uma lógica econômica que priorizava a implantação de uma lógica urbano industrial. Após a revolução de 1930, ocorreram grandes modificações em relação às necessidades educacionais. O governo

1 Ver: <http://dedalus.usp.br/>; <http://cutter.unicamp.br/>; e <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/>. Acesso em: 24 mar. 2021.

de Getúlio Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde Pública, cujo primeiro-ministro, Francisco Campos, tomou as medidas que criaram a FFCL, em que viriam a ser formados os professores do ensino secundário em nível superior.

O Decreto nº 19.890, de 18 de abril de 1931, estabeleceu a organização da escola secundária com o objetivo de levar a ela novos ideários pedagógicos. Outro marco da época foi a publicação, pelos escolanovistas, do “Manifesto dos pioneiros da educação nova: a reconstrução educacional no Brasil” em meio a reorganização política da Revolução de 1930, o que estabelecia uma renovação da educação no Brasil com um plano geral de indicar ao Estado uma escola pública, laica e obrigatória (SAVIANI, 2010).

A renovação educacional tinha como aliada teórica a Escola Nova, movimento mundial baseado na democracia liberal, que tinha o interesse de atender a necessidade da nova sociedade industrializada, o que exigia a expansão da escola pública.

A publicação do Manifesto dos pioneiros se deu no formato de um documento com várias propostas para a educação no Brasil, escrito por Fernando de Azevedo e assinado por intelectuais, como Anísio Teixeira. Algumas

das propostas eram: tornar a escola laica, gratuita e obrigatória; adaptar o ensino às características de cada região do Brasil e exigir formação superior dos professores.

Os primeiros professores de Geografia formados na USP (1934-1960)

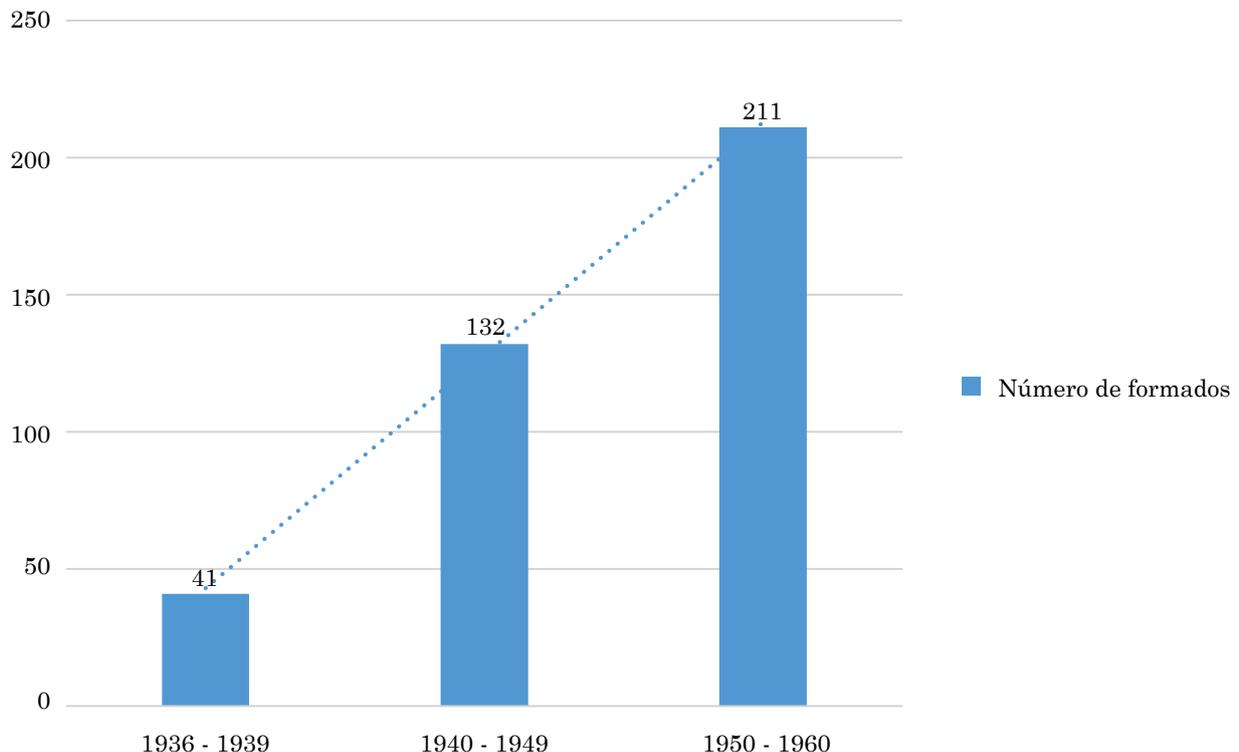
Os geógrafos formados na USP, à época, tiveram relevância no debate sobre o ensino em Geografia e na luta para que o conhecimento geográfico, com conteúdos explicativos baseados na Geografia moderna, chegasse aos poucos no debate educacional (ROCHA, 2000).

No período entre 1936 e 1960, formaram-se 476 alunos no curso de Geografia e História da FFCL da USP. Os primeiros formados foram Antonio de Paula Assis, Nelson Camargo, Rozendo Sampaio Garcia, Astrogildo Rodrigues de Mello, José Orlandi, Eurípedes Simões de Paula, Affonso Antonio Rocco e João Dias da Silveira, em 1936.

Dentre os primeiros formados em Geografia e História, João Dias da Silveira se destaca por ser nomeado como assistente adjunto à cadeira de Geografia Física e Humana ainda quando aluno.

O Gráfico 1 mostra o número de formados na modalidade licenciatura.

Gráfico 1 – Formados em Licenciatura no Curso de Geografia e História, entre as décadas de 1936 e 1960, na FFCL-USP.

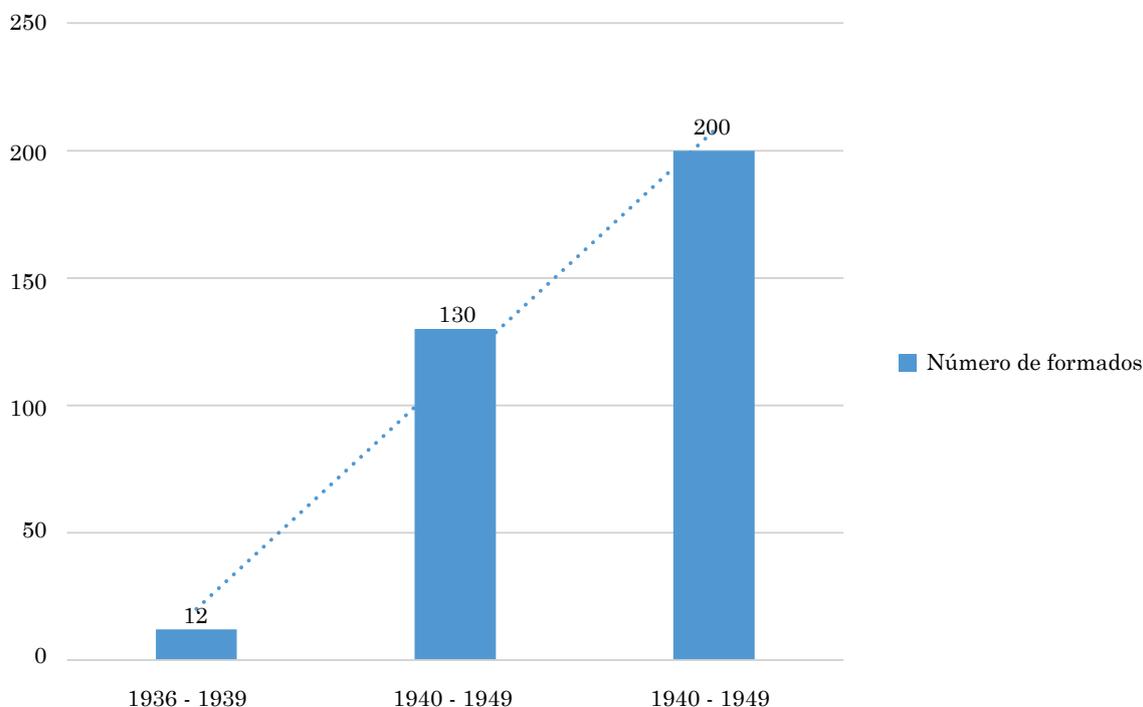


No período analisado formaram-se, na Licenciatura em Geografia e História entre os anos de 1936 e 1939, 41 alunos: 132 desses entre 1940 e 1949, enquanto no intervalo entre 1950 e 1960 se formaram os

demais 211 alunos. No total 384 alunos se formaram em Licenciatura.

O Gráfico 2 mostra o número de formados no Bacharel em Geografia e História:

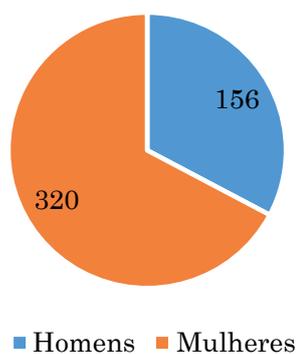
Gráfico 2 – Formados no Bacharel em Geografia e História pela FFCL da USP (1936-1960), por década.



Os dados demonstram que, entre 1936 e 1939, 12 alunos se formaram bacharéis; entre 1940 e 1949, 130 alunos; e entre 1950 e 1960, 200 alunos, totalizando 342 alunos formados bacharéis. A modalidade licenciatura, portanto, obteve maior número de formandos.

No Gráfico 3 é possível verificar que, no dado período, 320 mulheres e 156 homens se formaram, totalizando 476 formados no curso de Geografia e História pela FFCL da USP entre 1936 e 1960.

Gráfico 3 – Formados na Licenciatura em Geografia e História pela FFCL da USP (1936-1960), por gênero.



A partir dos dados apresentados, identifica-se que 68% dos formandos em Geografia e História na FFCL da USP eram mulheres. Sobre essa temática, foi a partir dos últimos anos da década de 1980 que se intensificou, na USP, o debate sobre gênero e a profissão docente incluindo questões como: “que ideias e valores estiveram associados ao processo de feminização da docência, para além da simples entrada de mulheres na profissão?”, exposta por Diana Gonçalves Vidal e Maria Lúcia Spedo Hilsdorf (2001). Os estudos apontam que o fundamento de que “homens dominam as mulheres” é uma explicação que naturaliza a construção social do gênero que atribui à mulher posição inferior ao homem por características biológicas. Nos entendimentos cultural e histórico, a mulher teria ocupações femininas e o homem ocupações masculinas, o que gera uma desigualdade de gênero, já que as atividades do gênero feminino são sempre inferiores às do gênero masculino.

No âmbito escolar, a entrada da mulher na ocupação de professora atribui-se à representação de figura materna e delicada. Na concepção social, a mãe tinha o dever de educar os filhos; logo, a mulher professora educaria os

alunos. Desde o começo da organização da rede pública de ensino no Brasil, nas primeiras décadas do século XX, as mulheres entraram na docência mudando a dinâmica do mercado de trabalho e divisão sexual do trabalho.

A partir de então, cabia dois papéis à mulher: ser mãe e professora, sendo ambas as posições responsáveis por ensinar a humanidade e formar cidadãos. Ser professora, porém, era uma função pública que a afastava do lar e de suas ocupações privadas, como cuidar dos filhos e marido, por falta de tempo. A igreja, também, apresentava um ideal de família em que a mulher não trabalha fora de casa – esse ideal se viu ameaçado pela emancipação feminina.

Com a forte urbanização na região sudeste no começo do século XX, a cidade se expande para áreas mais afastadas, aumentando a distribuição de escolas em diversos lugares. A mulher, dessa forma, teria que se deslocar de um lugar para outro, logo de manhã, com o auxílio de vários tipos de transporte, colocando em questão a aproximação do comportamento das moças ao dos homens. Na apropriação do espaço urbano, as mulheres estavam expostas sofrerão possível assédios dos homens, e, ao chegarem à escola, ainda se deparariam com a hierarquia masculina nos cargos administrativos.

Ao mesmo tempo que a mulher se apropria do espaço urbano ao inserir-se na sociedade em busca de autonomia, rompendo, assim, com sua subordinação ao lar ao tornar-se professora, observa-se que a profissão esteve socialmente relacionada a uma figura materna, característica marcante do machismo mascarado da época.

No âmbito universitário, a FFCL deu a oportunidade a mulheres das classes alta e média de ingressarem no curso superior, mesmo que muitas não ousassem se inscrever em cursos como Engenharia, Medicina ou Direito. Muitas optavam por cursos de licenciatura, como Geografia e História, pelo estímulo do Estado à formação de professores destinados à educação de nível primário e secundário.

No artigo “Gênero e trajetórias acadêmicas das primeiras mulheres universitárias brasileiras” encontram-se dados sobre as estudantes da USP as dificuldades e preconceitos vividos por serem mulheres e a resistência para consolidarem suas carreiras universitárias no Brasil.

Dentre as mulheres geógrafas que nos deparamos durante os achados da pesquisa, foram selecionadas Maria Conceição Vicente de Carvalho, formada no ano de 1938, e Amélia Americano Domingues de Castro, em 1940.

Maria Conceição Vicente de Carvalho nasceu em 1906, em Santos, no estado de São Paulo, e faleceu em

2002. Atuou a partir dos anos 1930, período com mudanças nas políticas educacionais e na produção de conhecimento no campo da história do ensino de Geografia, que contribuiu para a compreensão de alguns problemas relacionados ao processo da política de implementação de uma “cultura pedagógica” considerada “moderna”, com transformações nas práticas pedagógicas que aspiravam a “projetos de educação”. Em 1935, publicou, junto com Pierre Monbeig e Aroldo de Azevedo, o texto “O ensino secundário da Geografia”, na revista editada pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), transcrito na seção “crítica e notas” (MONBEIG; AZEVEDO; CARVALHO, 1935). Carvalho foi a primeira mulher a receber o título de doutora em Geografia no Brasil após defender sua tese “Santos e a Geografia humana do litoral Paulista”, em 1944.

Amélia Americano Domingues de Castro nasceu no dia 27 de dezembro de 1920, na cidade do Rio de Janeiro. Em 1984, tomou posse na Academia Paulista de Educação. Formada em Geografia e História pela FFCL da USP em 1941, foi assistente substituta da Cadeira de Didática Geral e Especial. A tese que lhe concedeu o título de doutora em Educação pela FFCL da USP é intitulada “Princípios do método no ensino da História”, e a obtenção da livre-docência, também na FFCL, em 1963, se deu pela defesa da tese “Bases para uma Didática do estudo”. Entre 1994 e 2000, foi conselheira do Conselho Municipal de Educação. A professora Amélia morreu em 2020 deixando uma importante contribuição à Educação, já que desenvolveu inúmeros estudos sobre didática, que auxiliam também na compreensão do como ensinar e aprender Geografia.

Essas duas alunas do curso da USP aqui mencionadas representam um perfil de mulheres à frente de seu tempo, que superaram os obstáculos da época e impulsionaram a força da mulher na Geografia, na História, no ensino e na sociedade. Elas não tiveram, no entanto, o reconhecimento que outras figuras masculinas alcançaram à época, a exemplo de Pierre Monbeig, Aroldo de Azevedo, José Orlandi e João Dias da Silveira. Assim, esta temática precisa ser melhor explorada em pesquisas futuras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa demonstra marcas na formação docente em Geografia, presentes na FFCL da USP e em seu Instituto de Educação, a partir do ano de 1934. Como

resultados tem-se a lista completa dos nomes dos formandos nas modalidades bacharelado e licenciatura, não inclusa neste texto, mas disponível no relatório final de pesquisa (MELLO, 2019).

Verifica-se que no período de 1930 a 1960 formaram-se 384 professores, sendo 134 homens e 251 mulheres. A licenciatura formou, nesse período, mais alunos do que o bacharelado. É importante enfatizar que esta investigação do primeiro curso de Geografia e História e dos primeiros formandos da FFCL da USP auxilia na compreensão de alguns problemas e avanços relacionados ao processo de formação de professores, já que pode elucidar dicotomias que antecederam e sucederam o período em análise envolvendo a relação existente entre gênero e profissão docente em Geografia.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A.; SILVEIRA, J. D. O ensino da geografia na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 3, p. 76-83, 1949.
- MELLO, M. C. O. **Orientações metodológicas destinadas aos professores de Geografia para o ensino secundário da escola paulista (1934-1960)**. Ourinhos: Fapesp, 2019.
- MONBEIG, P.; AZEVEDO, A.; CARVALHO, M. C. V. O ensino secundário da geografia. **Geografia**, São Paulo, ano 1, n. 4, p. 77-83, 1935.
- ROCHA, G. O. R. Uma breve história da formação do(a) professor(a) de geografia no Brasil. **Terra Livre**, São Paulo, n. 15, p. 129-144, 2000.
- SANTOS, I. S. F.; PRESTES R. I.; VALE, A. M. Brasil, 1930-1960: escola nova, LDB e disputa entre escola pública e escola privada. **Revista HISTEDBR**, Campinas, n. 22, p. 131-149, 2006.
- SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. 3. ed. rev. Campinas: Autores Associados, 2010.
- VIDAL, D. G.; HILSDORF, M. L. S. **Brasil 500 anos: tópicos em história da educação**. São Paulo: Edusp, 2001.